

# ENTRE A VIDA E A MORTE: O RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA E A FORMAÇÃO DE VALORES

Vanderlei Dorneles <sup>21</sup>

## Resumo

Este texto é o relato de uma história de vida que se constituiu numa fonte de valores para o entrevistado, a partir dos quais reavaliou seu sistema de prioridades, sua relação com a família, com a comunidade e mesmo com Deus. A morte do filho e a experiência de coma, após um terrível acidente, tornaram-se objeto de significações filosóficas que dizem respeito à condição humana e podem assumir um lugar no mundo dos valores. Essa experiência é considerada à luz dos conceitos de modernidade, memória social, valor e história, como vistos em Agnes Heller, Walter Benjamin, Hannah Arendt e Marshall Berman.

**Palavras-chave:** Valor. História de vida. Modernidade. Memória social.

## Abstract

This text is the account of a life story, which has become a source of value for the person who is interviewed, and from which he has been able to reassess his priorities, his relationship with his family, community and God. The death of his son and his near death experience, after a tragic accident, have become the object of new philosophical meanings regarding the human condition and may thus take their place in the realm of values. This experience is considered under such concepts as modernity, social memory, value and history, as they are envisioned by Agnes Heller, Walter Benjamin, Hannah Arendt, and Marshall Berman.

**Key words:** Value. Life story. Modernity. Near-death experience. Social memory.

José Carlos Ramos, 65 anos, é professor de teologia, no Seminário Adventista de Teologia, em Engenheiro Coelho, SP. Homem modesto, concentrado e reflexivo, fez seu doutorado nos Estados Unidos e dedicou os últimos quase 30 anos ao magistério. O Dr. Ramos divide sua vida em antes e depois “do acidente”, experiência à qual se refere sempre com o uso de artigo definido, indicando assim tratar-se de um fato definidor de sua vida e seus valores. Há nove anos, ele trafegava com o filho de

27 anos pela rodovia que liga os municípios de Engenheiro Coelho e Mogi-Mirin, interior de São Paulo, quando um caminhão bateu na traseira de seu veículo, lançando-o na contramão, vindo a se chocar com um ônibus em alta velocidade. O rapaz faleceu no momento do acidente e José Carlos sofreu diversas fraturas, permanecendo em coma vários dias, segundo ele, “entre a vida e a morte”. E acrescenta: “Eu só não morri pela providência divina. Creio que Deus tinha alguma missão que eu deveria cumprir

---

<sup>21</sup> **Vanderlei Dorneles** é mestre em comunicação social pela UMESP e doutorando pela USP. Atualmente, é coordenador da Unaspress e professor do UNASP: [vanderlei.silva@unasp.edu.br](mailto:vanderlei.silva@unasp.edu.br).

neste mundo". A experiência de perder brutal e instantaneamente o filho e de ser levado ao hospital quase sem vida, sendo sua esposa avisada de que ele não deveria viver mais do que 12 horas, fez o Dr. Ramos conceber uma nova visão da vida, de Deus e da família. Essa história que faz lembrar Marshall Berman, que também viu a vida de seu filho se extinguir como uma neblina que se desfaz, reafirma a fugacidade do ser humano especialmente em meio à complexidade da vida moderna. Ela é parte daquele amontoado de experiências humanas que ajudam a definir a realidade, a natureza da vida e a pensar em termos de uma escala de valores, no contexto de um mundo que caminha quase inconsciente da necessidade de preservar as experiências da vida como uma espécie de bússola capaz de orientar e ligar as gerações.

A noção de realidade é múltipla e complexa, no sentido de que cada indivíduo tem uma experiência de vida e experiências na vida que explicam e definem a realidade. Pode-se dizer que as experiências individuais, especialmente aquelas vividas em situações probantes e que levam os indivíduos a formularem conceitos e a elaborarem uma visão de mundo, assumem o status de cultura, assim como as obras de arte e o saber acumulado ao longo dos séculos. Essas experiências precisam ser resgatadas e preservadas para ensino das gerações posteriores,

deixando de ser apenas dados de uma memória oral que se esvai na morte de seus personagens. Quanto mais um indivíduo expressa sua experiência, mais concreta se torna a pessoa humana e mais sua experiência pode contribuir para a formação de um "mundo" para outros homens que vêm depois dele. Assim, as experiências da vida que eventualmente se tornam objeto de significações filosóficas e complexas e que dizem respeito à condição humana, assumem um lugar no mundo dos valores e precisam ser preservadas com vistas à construção do mundo do homem. Essas histórias não têm seu valor determinado pela espetacularidade dos fatos vividos, não é o caráter espetacular que conta, mas a transformação da experiência em valor, em algo que sirva na composição da natureza genérica humana.

É nessa perspectiva que a história de vida de José Carlos Ramos, especialmente o evento que lhe tirou um filho e o fez estar por semanas entre a vida e a morte, é considerada neste texto. Para tecer essa consideração, vou me ater aos conceitos de modernidade, comunidade, relações sociais e valores, como refletidos no pensamento de Agnes Heller, Walter Benjamin, Hannah Arendt e Marshall Berman, entre outros pensadores da cultura e da modernidade.

## A EXPERIÊNCIA DE VIDA COMO UM VALOR

O que é um valor e como se relaciona com a história? Heller (1972, p. 4) define que "o decurso da história é o processo de construção de valores, ou da degenerescência e ocaso desse ou daquele valor". O valor é intrínseco à natureza humana e sem valor não há como explicar ou mesmo construir essa natureza. Valor é "tudo aquilo que faz parte do ser genérico do homem e contribui para explicar esse ser genérico". Para Marx, os componentes essenciais do ser humano são o trabalho, a sociabilidade, a universalidade, a consciência e a liberdade. A essência humana não é o que sempre esteve no homem, mas a realização gradual e contínua das possibilidades imanentes à natureza humana. Heller (1972, p. 5) considera valor "tudo aquilo que, em qualquer das esferas e em relação com a situação de cada momento, contribua para o enriquecimento daqueles componentes essenciais". Logo uma experiência de vida que venha a reforçar a consciência da sociabilidade pode ser considerada como um valor.

Heller entende que, na sucessão de valores, movimento próprio da história, certos valores podem desaparecer de uma comunidade, mas grupos reduzidos conservarão esses valores em períodos estéreis e, assim conservados, eles esperarão por situações mais férteis em que possam de novo frutificar. Os valores,

nessa perspectiva, são indestrutíveis potencialmente, mas eles podem ser ocultados, deixando de contribuir para a realização da essência humana até que sejam eventualmente redescobertos. Para a autora, sempre vai haver "preservadores" dos valores, mesmo nos períodos mais estéreis. Ela chama isso de "invencibilidade da substância humana" (HELLER, 1972, p. 10).

Já os pensadores da Escola de Frankfurt, ao definirem o conceito de indústria cultural, viram a modernidade de viés positivista, como um subproduto do Iluminismo que cria novas formas de dominação e que sepulta de vez valores culturais e princípios de emancipação, enraizados nas comunidades. Benjamin (1993), em seu ensaio "O narrador", da década de 1930, acusa a indústria cultural, por sua interferência no processo cultural, de contribuir para o fim da atividade ou habilidade de narrar. Benjamin estava falando de um tipo especial de narrativa, aquela feita no interior de um grupo social ou familiar, a qual possibilitava a criação/manutenção do sentido de história e tradição, por meio das histórias narradas e dos valores que mantinha. As novas gerações tomavam conhecimento e consciência de sua origem e experiência por meio dessas narrativas, em geral feitas por um membro idoso, que mantinha vivas a memória e as experiências de vida da comunidade.

A modernidade e a indústria cultu-

ral, nesse caso, foram vistas como mecanismos de interrupção desse processo comunitário de narrativa e de ligação entre as gerações, por substituir a experiência da história oral por conteúdos massificados. A idéia de Benjamin encontra eco nas análises de Harvey (1996), que apontam para certo "império do fugaz", decorrente da constante exposição do leitor/receptor a um formato de narrativas que institui o tempo presente como o único tempo da vida. Nas mídias comerciais, os fatos passados e o futuro não existem. Só há o presente. Para Harvey (1996), o fim do passado e do futuro é parte da condição pós-moderna, em que se verifica um enfraquecimento progressivo da habilidade de narrar história e do gosto por ler e ouvir histórias passadas portadoras de tradição. Nessa visão, a modernidade não só tende a se afastar da tradição e do passado, mas coloca em operação forças contrárias às condições de preservação das experiências comunitárias e sociais que unem as gerações.

Arendt (2005) faz uma bela discussão sobre a crise da cultura. Segundo ela, com o surgimento de uma sociedade de massa, a cultura torna-se matéria-prima da cultura de massa e desaparece, após servir ao propósito de entreter e ser consumida como parte do "processo vital" (ARENDT, 2005, p. 256). Diante disso, ela define a crise da cultura como resultado do consumo de objetos e experiências cujo papel primordial é "preservar o passado".

Quando a cultura ou as experiências de vida nela expressas só servem como parte do processo vital, já não há mais ligação entre as gerações, entre o passado e o futuro. Essa situação se agrava ainda mais diante do processo de produção e consumo da cultura de massa, em que se busca com premência a novidade, o ineditismo e o espetacular. Assim, a cultura, que deve servir como elo entre as gerações, não é só digerida, mas também destruída (ARENDT, 2005, p. 260).

A cultura seria, então, um fenômeno do mundo, não sendo produzida para uma finalidade material e utilitarista, ao contrário do entretenimento que é um fenômeno da vida, e tem uma função utilitária. A cultura é tecida com a experiência de vida das pessoas, e tem a finalidade de construir um "mundo" para o homem. Esse "mundo", construído pela cultura, "está destinado a sobreviver ao período de vida dos mortais, ao vir e ir das gerações" (ARENDT, 2005, p. 262). E quando novas gerações surgem, elas podem encontrar nesse "mundo" construído pela cultura uma identidade que as ligue ao passado e dê um sentido a sua experiência. Para Arendt (2005, p. 263), o "mundo" feito pela cultura é um lar permanente que resiste ao uso. E "esse lar terreno somente se torna um mundo no sentido próprio da palavra quando a totalidade das coisas fabricadas é organizada de modo a poder resistir ao processo vital consumidor das pessoas que o habitam". Esse "mundo" da cultura,

composto das obras de arte, do saber, da tradição e dos valores extraídos das experiências vividas, torna-se uma ambiência que permite às gerações sujeitas ao tempo se conectarem umas às outras.

Berman (2001, p. 34) continua essa discussão ao se concentrar nas implicações do projeto moderno sobre os valores. Para ele, a modernidade se caracteriza pela renovação e transformação constante, o que resulta em “mundos perdidos”, ou seja, valores e experiências essenciais para dar sentido à vida, os quais a modernidade sepulta sob a ânsia da renovação constante. Berman está pensando também em comunidades inteiras que são desfeitas frente à grande atração e força exercidas pela modernidade, condição em que saberes, tradições, costumes e experiências de vida se tornam irrelevantes diante do apelo da modernidade e do desenvolvimento.

Nessa mesma linha já havia trabalhado o sociólogo alemão Georg Simmel (1998a e 1998b). Em vez de modernidade, no entanto, ele fala de sociedade em contraste com comunidade. Simmel estabelece que o homem que vivia em comunidade tinha sua personalidade influenciada por interesses práticos e sociais com base numa economia natural, enquanto na sociedade moderna surge a economia centrada no dinheiro em que há um caráter objetivo nas relações sociais, havendo uma autonomia da personali-

de individual. A modernidade é um impulso que impõe ruptura, dando um caráter impessoal e efêmero às atividades e relações sociais, estabelecendo uma comunidade universal e globalizada, que não mantém valores da comunidade.

O também sociólogo alemão Ferdinand Tönnies (1947), na mesma linha de Simmel, diferencia dois tipos de entidades sociais: a “comunidade” (*Gemeinschaft*), que é íntima, privada, informal e afetiva; e a “sociedade” (*Gesellschaft*), que é pública e formal. A modernidade é vista como um amplo processo que busca homogeneizar as comunidades, desenraizando-as, para delas fazer uma grande sociedade. A participação numa sociedade de pessoas livres e individualizadas exerce sempre um apelo sedutor sobre os indivíduos no sentido de se distanciarem de suas raízes comunitárias e assumirem sua individualidade na moderna sociedade complexa.

O pessimismo alemão em relação ao desenvolvimento moderno não deixa de estar presente também nas análises de Weber. Para ele, o protestantismo, como uma religião racionalizada, impulsionou a secularização dos valores religiosos. Esse impulso se move sempre para frente sem esperanças de contenção, com a crescente valorização dos bens materiais, do desenvolvimento e da modernização, em detrimento das experiências comunitárias e das relações pessoais. Ele fala da influência de “grandes financistas que

promoveram essa mudança”; homens que queriam “suprir a humanidade de bens materiais”, mesmo quando isso implicasse na destruição das raízes da vida dessas pessoas; e que viam tal ética como “um dos mais importantes propósitos da vida profissional” (WEBER, 2003, p. 64-65). No final de sua obra, Weber se concentra especificamente na experiência americana, entendendo que o desenvolvimento do capitalismo atingiu um estágio fora de controle, com o crescente apego ao lado material da vida.

Nessa perspectiva de análise, portanto, valores sociais capazes de reforçar os componentes da natureza humana como o trabalho, a sociabilidade, a universalidade, a consciência e a liberdade, são essenciais para a experiência de enraizamento, para dar sentido à vida e para a ligação entre as gerações. Expressos na arte, no saber comunitário ou mesmo extraídos das experiências de vida, esses valores constroem um mundo para o homem. São as pegadas deixadas pelos pais, para serem vistas e eventualmente seguidas pelos filhos. Esses mesmos valores, no entanto, chocam-se com os valores globalizados, das relações profissionais, objetivas e técnicas, próprios da modernidade e das sociedades complexas. Como tendem a ser suprimidos nesse choque, esses valores devem ser resgatados e preservados, como memória viva.

É nessa perspectiva que se consi-

dera aqui a experiência do professor Ramos.

## ENTRE A VIDA E A MORTE

José Carlos Ramos nasceu em São Caetano do Sul, em 3 de setembro de 1941. Foi criado na cidade de São Paulo, numa família católica, sincrética. “Todo domingo de manhã minha família freqüentava a igreja católica e à noite ia ao centro espírita”. Ele enfatiza que a religiosidade da família era dirigida pela mãe, mais fervorosa do que o pai. O sonho dos pais era ter um padre na família, e seu irmão mais velho chegou a ir ao seminário, mas não suportou o regime e as exigências. Assim, a expectativa da família se voltou para ele, que chegou a ter aulas de catecismo na infância, exatamente com o ideal de ser um sacerdote.

*Eu me lembro nitidamente da professora que dava as aulas de religião. Era uma senhora de idade avançada, pele morena, muito mansa e humilde, cujas falas e maneiras de ser chamavam a atenção de todos os garotos. Quando ela falava de Deus, nossa atenção ficava bastante concentrada e todos ficávamos muito admirados. Eu guardo a imagem dessa senhora, com suas lições sobre Deus e a vida religiosa.*

No entanto, a vida de José Carlos Ramos tomaria uma direção diferente em vista da conversão da família a um culto protestante. “Eu tinha 10 anos de idade,

quando começamos a estudar a Bíblia com os adventistas.” A família mudou de igreja, mas não de sonho: “Se não é para você ser padre, então você deverá ser pastor”. Nas séries fundamentais, o garoto José Carlos demonstrou grande facilidade no tratamento com os números, o que o levou, sob recomendação dos mestres, a desejar ser professor de matemática. “Eu amava de coração a matemática. Queria fazer faculdade, e idealizava até mestrado e doutorado.” No entanto, seus pais insistiam: “Nós precisamos de um pastor na família”. Ele entrou para a faculdade de teologia, mas planejava, ao final do curso, dizer aos pais: “Aqui está o diploma que vocês queriam, agora vou buscar o que eu desejo.” No entanto, Deus, segundo crê, guiou sua vida de forma que encontrou naquele curso o seu caminho. Por fim, após atuar como missionário durante alguns anos, José Carlos entrou numa sala de aula, mas como professor de teologia, posição em que tem atuado desde 1978. “É como se Deus tivesse dito assim: você quis ser professor, então vai ser, mas professor da verdade que salva.”

Tendo vivido mais de 50 anos numa fé protestante, quando perguntado se, mesmo tendo se tornado pastor adventista, alguma noção da religião transmitida por aquela velha senhora católica ainda permanece em sua mente, o Dr. Ramos respondeu firmemente:

*Eu não tenho a menor dúvida disso,*

*porque entendo que a infância e adolescência são fases cruciais da vida na formação dos valores e da visão do mundo. E muitas coisas estabelecidas nessa idade terminam fundamentando a direção de toda a vida. Eu reconheço que aquelas aulas de religião e catecismo, lançaram o fundamento religioso da minha vida, que depois foi direcionado para a vida cristã como um adventista que crê no reino de Deus e na segunda vinda de Cristo, quando nós avançamos mais no conhecimento das Escrituras e da vontade de Deus.*

Aos 65 anos de idade, José Carlos Ramos esteve em vários países e viu muitos acontecimentos importantes. Mas considera que o que mais marcou sua vida foi ver o ataque às torres gêmeas americanas pelos terroristas islâmicos. “Chocou-me profundamente ver aquela atrocidade.” Segundo ele, a queda das torres o levou a entender melhor como o ódio domina os seres humanos. Sua compreensão da condição humana, especialmente no que diz respeito à banalização do mal e da vida, é um desdobramento de sua crença na intervenção divina, com o Juízo Final. “Só a segunda vinda de Cristo à Terra poderá dar uma solução aos problemas humanos. Não vejo outra saída para os conflitos que dividem a humanidade.”

Na concepção dos autores citados no início deste texto, a essência social humana não nasce pronta, mas se faz ao longo de suas experiências, com a cons-

trução de valores ou mesmo com a troca de valores. A vida do Dr. Ramos também pode ser vista dessa forma, ressalvado o fato de que ele entende que a humanidade partilha de uma essência divina, por que foi criada à imagem de Deus. Foram fatos definidores de sua maneira de pensar e viver a educação religiosa recebida na infância, depois as novas verdades que conheceu estudando mais as Escrituras, a formação como teólogo, o casamento com a professora Elda Ramos, as experiências como missionário e a relação com os filhos. Ainda no nível de sua vida particular há um fato que ele cita mencionando pausadamente o dia, mês, ano e hora exatos, e a que chama sempre de “o acidente”, que fez uma marca em sua vida e que se tornou uma experiência à luz da qual avalia constantemente suas prioridades e seus valores.

*No dia 11 de fevereiro de 1998, numa quinta-feira, entre uma e trinta e duas horas da tarde, quando eu voltava para casa, vindo de Engenheiro Coelho, um caminhão bateu em nossa traseira, jogando nosso carro para a contramão, e um ônibus veio para cima do nosso carro. Meu filho estava no banco do passageiro, ao meu lado, e o ônibus atingiu o carro exatamente ali na porta do passageiro e ele teve morte instantânea. Seu corpo foi lançado em cima de mim e eu fiquei espremido ali entre ele e a outra porta. Tive quatro fraturas na bacia, hemorragia no pulmão e ... [nesse momento ele atravessa uma frase*

*à outra, o que não é comum em sua fala muito pausada e clara]. Eu só não morri mesmo pela providência divina. Isso é um verdadeiro milagre de Deus!*

O filho que estava com o Dr. Ramos chamava-se Jarlan, o mais velho de três, e tinha 27 anos, casado fazia pouco tempo. “Eu só fiquei sabendo da morte dele um mês depois, quando recuperei minha consciência.” Durante os dias em que esteve internado em coma, Ramos recobrou a consciência algumas vezes, mas a família evitava falar do filho, mesmo diante da insistência dele. “Eu me perguntei algumas vezes, depois de minha saúde normalizada, de volta pra casa, por que ele com apenas 27 e não eu que já estava com 55 anos?”

O estado de coma durou dias em vista do choque na cabeça. “Quando o ônibus bateu em nós, houve um choque muito forte, de cabeça contra cabeça, entre eu e meu filho, naquele momento eu apaguei.” Durante alguns dias, seu estado alternou entre o coma e pequenos lampejos de consciência. Ao todo, ele esteve em cinco hospitais. E salienta sua indagação: “Como é que eu passei vários dias com o nível de imunidade reduzido a 20%, tendo perdido muito sangue, e não vim a ter uma infecção hospitalar? Isso certamente foi uma providência divina, porque uma infecção ali seria fatal, dada a extrema fragilidade em que me encontrava.”

Nos momentos de consciência,



ainda internado, ele via a família ali reunida. Via a nora, e perguntava: “Mas onde está o Jarlan? Por que ele não está aqui?” Sua esposa prudentemente evitava contar, temendo o agravamento de seu quadro. “Mas me impressiona que no estado de inconsciência eu o via, ele estava ali comigo, mas quando eu recuperava a consciência, não o via mais.” Essas “visões” inconscientes, ele considera como “reações da própria mente, já que ele estava comigo na hora do acidente”. Mesmo quando recebeu a notícia e foi conscientizado de que o rapaz tinha morrido, Ramos ainda lutou contra certo sentimento de dúvida.

*Eu ficava num misto de tristeza e angústia, junto com minha esposa e os outros filhos, e mesmo de incredulidade. Às vezes eu até pensava: será que ele não está por aí em algum lugar, já que eu não tinha visto o sepultamento. É difícil de aceitar até que a gente cai na realidade mesmo e se convence de que morreu mesmo e já não está mais aí.*

Os adventistas do sétimo dia, confissão da qual o Dr. Ramos faz parte, não crêem na imortalidade da alma ou na vida consciente fora do corpo. A vida é concebida como um todo indivisível, corpo e espírito são interdependentes, não havendo possibilidade de existência para o homem, senão na carne. E quando perguntado se as “visões” que tinha de

Jarlan, enquanto em estado de coma, poderiam ser alguma reminiscência de sua formação católica juvenil, o Dr. Ramos explica.

*Aí é o problema da mente humana, nós temos o consciente, o subconsciente, o inconsciente. O subconsciente é o que armazena tudo aquilo que a gente vive, todas as experiências. E eu entendo que quando entrava em coma e a consciência apagava, o subconsciente assumia o lugar e trazia aquelas memórias de nossas experiências passadas juntos. Essas imagens guardadas no subconsciente eram, então, projetadas e eu tinha a impressão de que ele estava ali. Mas na realidade era apenas impressão mesmo.*

Segundo o Dr. Ramos, muitas pessoas procuravam consolá-lo, frente à perda do filho. Diziam que aquela dor passaria com o tempo. “Hoje eu chego à seguinte conclusão: Essas pessoas estavam equivocadas porque quanto mais passa o tempo mais saudades a gente tem. O tempo pode amenizar um pouco, mas nunca chega a tirar a dor. Ela continua lá.” Para ele, o que unicamente traz conforto é a fé, que com o tempo se fortalece na esperança de um reencontro numa vida posterior.

Outro aspecto da vida que foi sacudido por essa experiência foi a própria fé em Deus, concebida em termos de confiança e de relacionamento. Ramos

conta que, quando saiu do hospital, foi difícil continuar a vida em casa. “Nosso lar era um ambiente de muita penumbra, tristeza; minha esposa chorando sem parar, vendo os objetos de nosso filho.” Nos primeiros dias, vendo o sofrimento da esposa, ele sentiu que devia tomar uma posição em relação a Deus.

*Eu cheguei para minha esposa e disse: Olha, nós só temos duas alternativas: blasfemar de Deus porque ele poderia ter evitado esse acidente e não evitou e, então, nós abandonamos tudo e perdemos a fé e nos tornamos ateus e materialistas, ou nós aproveitamos esse triste acontecimento, essa triste oportunidade, para nos tornarmos mais íntimos de Deus.*

Foi uma situação muito sensível para o casal que já vivia juntos havia trinta anos. Ramos conta que Elda, chorando, disse: “Não! Vamos nos firmar mais em Deus.” O resultado dessa situação para o casal é algo difícil de entender. Como as privações podem resultar em benefícios para quem as sofre? Estudioso da Bíblia, o Dr. Ramos está familiarizado com a compreensão cristã do sofrimento, como um caminho bifurcado, que pode levar ao desalento e descrença ou à reafirmação da confiança em Deus. “Os momentos de dor nos tornam mais íntimos de Deus e a gente passa a entender melhor certas coisas.” Segundo ele, mesmo a leitura da Bíblia, que faz diariamente, começou a ter

um sentido diferente.

*Eu lia determinados textos e aqueles textos estavam falando pra mim pessoalmente. Lia certos salmos de Davi, em que ele expressa os problemas e experiências que teve e, de forma impressionante, aquelas palavras de Davi eram as minhas palavras, era a minha situação. Eu comecei a sentir a voz de Deus mais intimamente, falando a mim.*

Quando um cristão, que se julga fiel, enfrenta situações de privação e perda, não é incomum que se sinta injustiçado, ou mesmo abandonado por seu Deus. É como se aquelas coisas pudessem acontecer com alguém que não estaria de posse das promessas da proteção divina, mas não com ele. Há pessoas que acreditam ter terminado, para elas, o conflito entre o bem e o mal quando se convertem a uma religião. Embora isso não fosse uma convicção expressa de José Carlos Ramos, ele admite que, quando via pessoas que passavam por grandes perdas, não imaginava que elas o alcançariam algum dia. “Então eu me conscientizei mais profundamente de que todos nós estamos expostos a isso. Por que eu não deveria sofrer também? Além disso, quem mais sofreu foi aquele que menos merecia, Jesus Cristo.”

A primeira equipe médica que assistiu o Dr. Ramos após o acidente disse

claramente a sua esposa que ele não teria mais do que doze horas de vida. "Se ele agüentar até doze horas, pode até ser que se recupere. Mas ele não deve chegar a doze horas" foram as palavras do chefe da equipe médica. Ramos conta que, nos momentos em que sua consciência retornava, durante o coma, ele se perguntava: "O que eu estou fazendo aqui? O que aconteceu?" Quando foi conscientizado de tudo o que ocorrera, ele começou a resgatar o que vinha acontecendo naqueles últimos dias. "Então, eu cheguei à seguinte conclusão: nós não somos nada. A vida humana é como uma nuvem, que vem e vai. Deus é o único que vive sempre. A gente precisa se conscientizar de que tudo que existe neste mundo é marcado pela temporalidade."

Diante do acidente e da morte do filho, o professor Ramos também passou a pensar sobre o sistema de valores do mundo. "A pessoa está aí, exercendo funções importantes, ganhando muito dinheiro, então a morte chega e leva tudo, e ele primeiro." Foi assim que ele reafirmou muito claramente o que realmente vale na vida. "A única coisa que permanece e que vale a pena é o relacionamento com Deus primeiramente e depois com as pessoas. Eu passei a dar muito mais valor à minha esposa." Ele conta que durante sua recuperação ficou totalmente dependente dela, que foi médica, mãe, esposa, enfermeira. "Então, eu entendi o valor da família, o valor das pessoas, em contraste

com o valor insignificante de tudo o mais: funções, posses, títulos, status. A família é que estava ali solidária comigo, em cada momento. Minha filha é enfermeira e esteve lá no hospital me acudindo." O contraste que claramente se mostrou na mente do Dr. Ramos, entre o valor da família frente a tudo mais da vida moderna, faz lembrar a fala de Ulisses quando reencontra sua bela Penélope, no poema de Homero, **A Odisséia**: "Nada há como o reino de um homem, aquilo que ele toma em suas mãos e sabe que sempre será seu". Voltando-se para a esposa diz o guerreiro: "Você é meu reino!"

Ramos diz ter entendido que as relações familiares e sociais, que dão sentido e significado à vida, mostraram-se para ele como o maior tesouro.

*Além de Deus e da família, os amigos. Muitos oraram por mim, se uniram na hora da dor, mandavam mensagens, teve gente que até levou presentes pra mim. Quando eu saí do hospital, uma pessoa foi a nossa casa e levou uma travessa com uma lasanha bem preparada, dizendo: "Trouxe pra você". Essas coisas acabam conscientizando a gente de que os verdadeiros valores da vida não são os bens, não são as posses, nem mesmo títulos acadêmicos, pois isso na hora da morte nada vale. Nessa hora, ser doutor ou não ser, não adianta. São as pessoas e sua relação com elas que realmente valem. Em primeiro lugar está Deus, depois as pessoas, nossa*

*relação com os amigos. Depois do acidente, eu olho com mais estima para essas coisas, tesouros que Deus me deu.*

É provérbio popular de que bem pior do que um filho sepultar o pai é o pai sepultar o filho. Jarlan era o filho mais velho de José Carlos Ramos. Mas o pai sequer pôde estar no sepultamento, o que agravou ainda mais sua dor. Mas essa situação, da qual fala com lágrimas nos olhos, foi também uma porta, pela qual, segundo ele, Deus se revelou a ele mais proximamente do que vira até então. “Eu comecei a sentir a voz de Deus falando diretamente a mim.”

“O acidente”, como costuma falar, tornou-se para o Dr. Ramos uma experiência da vida a partir da qual pôde construir valores. A relação com Deus, a sociabilidade, a relação com a família e seu sistema de prioridades, como componentes essenciais de sua vida, foram enriquecidos e ampliados com esses valores. Sua experiência e o sistema de valores com

ela construído são também valores genéricos no sentido de que explicam a realidade da condição humana e podem indicar rumos para as novas gerações. É parte da cultura que constrói um mundo para o homem.

A região onde ocorreu o acidente pertence a um pólo produtor de álcool, em cujas rodovias trafegam muitos caminhões com diversos tipos de cargas. Eles precisam economizar tempo, andando mais rapidamente, e muitas vezes não podem esperar uma situação adequada para ultrapassar, devido à premência do trabalho que realizam, como parte de uma imensa engrenagem que mantém a vida moderna e o desenvolvimento. Como a vida de Jarlan, muitas outras são ceifadas como um tipo de imposto pago pelo desenvolvimento. Nesse sentido, a experiência de perda pela qual passou José Carlos Ramos é também um acontecimento, entre tantos, que devem produzir algum tipo de exame contínuo do sistema de valores da sociedade em que vivemos.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 6ª ed. São Paulo: Loyola, 1996.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

SIMMEL, Georg. O indivíduo e a liberdade. In: SOUZA, Jessé de; OËLZE, B. (Orgs.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora da UnB, 1998a, 109-117.

\_\_\_\_\_. O dinheiro na cultura moderna. In: SOUZA, Jessé de; OËLZE, B. (Orgs.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora da UnB, 1998b, 23-40.

TÖNNIES, Ferdinand. **Comunidad y sociedad**. Buenos Aires: Losada, 1947.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

WEIL, Simone. A racionalização e Experiência da vida de fábrica. In: BOSI, Ecléia. **A condição operária e outros estudos sobre opressão**: antologia de Simone Weil. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

